



**Dissertação**

Mestrado em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento

Ano Letivo 2023/2024

**Dinâmicas familiares: Influências das práticas parentais e  
conflito interparental no desenvolvimento das crianças**

Orientadora

Professora Doutora Manuela Veríssimo

Tese submetida para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia e Psicopatologia do

Desenvolvimento

**Laura Gorjão Henriques F. Oliveira**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Manuela Veríssimo, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento.

## **Agradecimentos**

A presente dissertação representa o fim de uma longa caminhada. Pelo caminho enfrentei diversos obstáculos e devo um agradecimento especial às pessoas que se mantiveram do meu lado durante estes anos e que, indiretamente, são a razão pela qual consegui terminar este percurso.

Agradeço à Professora Manuela Veríssimo por toda a ajuda no final deste percurso e pela compreensão nos momentos mais parados. Não posso também deixar de agradecer às escolas que me abriram as portas e os professores que mostraram toda a disponibilidade para colaborar com este projeto, a eles devo também este resultado.

Agradeço também à família e amigos que me acompanharam durante todos os meus anos universitários e que me apoiaram sempre que decidi trocar de caminho, estando lá para celebrar quando esse caminho termina.

Por fim, um agradecimento especial à minha mãe, que acreditou que este momento chegaria e que me proporcionou sempre o melhor ambiente para crescer e para me desenvolver até ao sítio onde estou neste momento. Esta dissertação ter sido terminada é à minha mãe que o devo.

## **Resumo**

O presente estudo pretende investigar a relação entre o conflito interpessoal, as práticas parentais e os comportamentos internalizantes e externalizantes das crianças. Pesquisas existentes indicam que a exposição ao conflito interparental afeta negativamente o desenvolvimento emocional e comportamental das crianças, muitas vezes resultando no aumento da ansiedade, depressão e problemas comportamentais. O foco do presente estudo é perceber como as percepções das crianças sobre o conflito interpessoal interagem com as práticas parentais, segundo as dimensões de responsividade e controle, de mães, de pais e da diferença entre os dois. A amostra é composta por 92 tríades (mãe, pai e filho) de alunos do 5º e 6º ano na área de Lisboa. Os dados foram recolhidos por meio de questionários autopreenchidos que avaliam as práticas parentais e as respostas comportamentais das crianças. Os resultados revelaram associações significativas entre a percepção das crianças do conflito interparental e os comportamentos internalizantes e externalizantes das crianças, bem como diferenças nas práticas parentais entre mães e pais. Essas descobertas ampliam a compreensão da dinâmica familiar em contextos de conflito e sugerem implicações para intervenções destinadas a melhorar o bem-estar das crianças. Pesquisas futuras devem explorar relações causais e ampliar o tamanho da amostra, para aumentar a generalização dos resultados.

**Palavras-chave:** Práticas parentais, Conflito interparental, Comportamentos externalizantes, Comportamentos Internalizantes, Pré-adolescência

## **Abstract**

The present study aims to investigate the relationship between interparental conflict, parenting practices, and children's internalizing and externalizing behaviors. Existing research indicates that exposure to interparental conflict negatively affects children's emotional and behavioral development, often resulting in increased anxiety, depression, and behavioral problems. The focus of this study is to understand how children's perceptions of interparental conflict interact with parenting practices, according to the dimensions of responsiveness and control, from mothers, fathers, and the differences between the two. The sample consists of 92 triads (mother, father, and child) from fifth and sixth-grade students in the Lisbon area. Data were collected through self-reported questionnaires assessing parenting practices and children's behavioral responses. The results revealed significant associations between children's perceptions of interparental conflict and their internalizing and externalizing behaviors, as well as differences in parenting practices between mothers and fathers. These findings enhance the understanding of family dynamics in conflict contexts and suggest implications for interventions aimed at improving children's well-being. Future research should explore causal relationships and expand the sample size to enhance the generalizability of the findings.

**Keywords:** Parenting practices, Interparental conflict, Externalizing behaviors, Internalizing behaviors, Pre-adolescence.

## ÍNDICE

<b>1. Introdução</b> .....	9
<b>2. Revisão da literatura</b> .....	10
<b>2.1. Conflito Interparental</b> .....	10
<b>2.2. Práticas Parentais</b> .....	15
<b>2.3. Comportamentos Externalizantes e Internalizantes</b> .....	18
<b>2.3.1. Pré-adolescência</b> .....	18
<b>2.3.2. Problemas Internalizantes</b> .....	19
<b>2.3.3. Problemas Externalizantes</b> .....	22
<b>2.4. Práticas Parentais e Conflito Interparental</b> .....	23
<b>2.5. Práticas Parentais, Conflito Interparental e Comportamentos Externalizantes e Internalizantes</b> .....	24
<b>3. Objetivos e Hipóteses</b> .....	27
<b>4. Metodologias</b> .....	29
<b>4.1. Participantes</b> .....	29
<b>4.2. Procedimento</b> .....	29
<b>4.3. Instrumentos</b> .....	30
<b>4.3.1. SIS</b> .....	30
<b>4.3.2. CRPR-Q</b> .....	32

4.3.3. SDQ.....	33
<b>5. Resultados.....</b>	<b>34</b>
5.1. Comportamentos Externalizantes e Internalizantes.....	34
5.2. Práticas Parentais.....	36
5.2.1. Práticas Parentais e Comportamentos Externalizantes e Internalizantes.....	36
5.3. Conflito Interparental.....	38
5.3.1. Conflito Interparental e Práticas Parentais.....	39
5.3.2. Conflito Interparental e Comportamentos Externalizantes e Internalizantes.....	40
<b>6. Discussão.....</b>	<b>41</b>
6.1. Limitações.....	44
6.2. Implicações para a prática.....	45
6.3. Propostas para estudos futuros.....	45
<b>7. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>47</b>
<b>8. Anexos.....</b>	<b>55</b>

## **Índice de Tabelas**

**Tabela 1.** Correlações das dimensões da escala SDQ

**Tabela 2.** Correlações entre a dimensão de Restritividade (CRPR-Q) e os Comportamentos Externalizantes e Internalizantes (SDQ)

**Tabela 3.** Correlações entre a dimensão de Responsividade (CRPR-Q) e os Comportamentos Externalizantes e Internalizantes (SDQ).

**Tabela 4.** Correlações das dimensões da escala SIS

**Tabela 5.** Correlação entre as dimensões de percepção de conflito interparental e as dimensões de comportamentos externalizantes e internalizantes

## **1. INTRODUÇÃO**

O conflito interparental constitui um dos stressores mais significativos para a criança (Davies & Cummings, 1994), uma vez que pode ter um impacto negativo na sua saúde mental e física. De acordo com vários estudos (Buehler, 1997; Cummings & Davies, 2010; Xin et al., 2009), as crianças expostas ao conflito interparental, apresentam um aumento dos níveis de ansiedade, depressão, problemas de comportamento e problemas de saúde física, assim como pode afetar a capacidade da criança de desenvolver relações saudáveis com os pais, bem como com os outros.

Além disso, o conflito interparental pode afetar a percepção da criança da sua segurança emocional, algo importante para o seu desenvolvimento (Bowlby, 1969). Quando a criança é exposta a um ambiente familiar conflituoso, pode sentir-se insegura e ameaçada, o que pode levar a uma diminuição da sua capacidade de lidar com o stress e com outras situações ao longo da vida.

Então, torna-se de especial importância perceber que outras variáveis (como as práticas parentais) podem estar a influenciar, ou ser influenciadas, por este mesmo conflito. Perante o cenário de pandemia vivido, torna-se especialmente importante perceber o funcionamento das famílias e o conflito interparental. Num estudo do CES (Centro de Estudos Sociais) (Relvas et al., 2020), verificou-se um aumento do stress nas famílias durante o isolamento, algo que os autores afirmam ter feito aumentar o conflito no casal (Relvas et al., 2020). Este aumento de conflito tem impacto no desenvolvimento das crianças, exibindo-se nos seus comportamentos externalizantes e internalizantes.

O presente estudo pretende então estudar a relação entre as variáveis: percepção de conflito interparental, as práticas parentais de cada um dos pais, e os comportamentos internalizantes e externalizantes exibidos pelas crianças.

Este estudo é assim útil, não apenas pela contribuição teórica, mas também para a intervenção que possa ser feita com as famílias de forma a melhorar os comportamentos exibidos pelas crianças e o conflito exibido pelos pais. Assim, é importante perceber a associação que existe entre as diferentes variáveis de forma a poder trabalhá-las com as famílias de forma completa.

## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1. CONFLITO INTERPARENTAL**

Segundo Cummings & Davies (2010), “o conflito interpaparental pode ser definido como qualquer interação interpaparental, maior ou menor, que envolva uma diferença nas opiniões, quer sejam maioritariamente negativas ou positivas” (Cummings & Davies, 2010, p.8). Para Buehler (1997), o conflito interpaparental pode manifestar-se sob forma: (1) hostil (física ou verbal), refletindo uma ligação negativa entre os pais; (2) passivo-agressiva, i.e., com uma tensão mais ou menos subtil, usando frequentemente a criança como um peão neste conflito; (3) cooperativa, i.e., pautado pelo respeito e negociação, pondo sempre a criança em primeiro lugar; (4) evitante, em que o conflito é evitado por ambos os pais, não havendo sequer o reconhecimento da existência de diferenças ou conflitos; ou (5) de anulação da existência do outro na presença de um conflito, em que um dos pais claramente se distancia ou ignora o outro quando começa a existir tensão. O conflito interpaparental é então uma divergência de opiniões entre os pais e que pode ser manifestado de várias formas, tendo essas formas impactos diferentes no desenvolvimento dos filhos.

Diversos estudos concluíram que o conflito interpaparental, percebido como não cooperante (todos os referidos anteriormente que não o cooperativo), tem consequências negativas, quer ao nível comportamental ou externalizante, quer ao nível emocional ou

internalizante (Emery, 1982, Grych & Finchman, 1990, Grych et al., 1992). Assim, mais do que o tipo de conflito que ocorre entre os pais, importa perceber a forma como esse conflito se transporta para os filhos e que leitura é que estes fazem do mesmo (Grych et al., 1992). É por esta razão que importa mais, para a presente investigação, “ouvir” o que as crianças nos dizem e não necessariamente aquilo que é a verdade dos pais relativamente a esse assunto.

A teoria cognitivo-contextual do conflito interparental é baseada na ideia de que a forma como as crianças lidam com o conflito interparental é influenciada pelas suas crenças, expectativas e histórico de relacionamentos (Grych & Fincham, 1990). Além disso, o contexto em que ocorre o conflito interparental, como a saúde emocional dos pais, também é considerado importante (Wolchik, Tein, Sandler & Ayala, 1999).

A teoria cognitivo-contextual (Xin et al., 2009) estabelece que as crianças começam por tentar perceber o nível de ameaça que o conflito representa (as crianças avaliam o quanto o conflito interparental é uma ameaça para o seu bem-estar e para o relacionamento com os seus pais.); a frequência (com que frequência o conflito ocorre, sendo que a exposição frequente ao conflito pode aumentar a percepção de ameaça); intensidade (com base na intensidade das discussões e na expressão emocional dos pais); e resolução (a capacidade dos pais de resolver o conflito de forma eficaz e pacífica. Quando o conflito é frequente, intenso e não é resolvido de forma eficaz, a percepção de ameaça aumenta (Xin et al., 2009).

De seguida, as crianças vão tentar processar qual a causa do conflito interparental, o nível de ameaça e que estratégias usar para cooperar com o conflito (Xin et al., 2009). Um estudo conduzido por Grych e Fincham (1990), descobriu que a percepção da causa do conflito interparental pode ser influenciada pelo tipo de conflito (por exemplo, se é verbal ou físico) e pela idade da criança. Crianças mais velhas tendem a perceber o conflito como sendo causado por questões externas, enquanto crianças mais jovens tendem a perceber o conflito como sendo causado por questões relacionadas com elas mesmas.

De acordo com esta teoria, as crianças são mais vulneráveis ao impacto negativo do conflito interparental quando enfrentam um contexto de stress adicional, como mudanças na família, dificuldades financeiras ou problemas de saúde (Hetherington, Cox, & Cox, 1982). Além disso, as crianças que presenciam conflitos interparentais repetidos e intensos podem desenvolver problemas como ansiedade, depressão (mais comum nas raparigas) e problemas de comportamento externalizante (mais comum nos rapazes) (Emery, 1982). Os estudos também sugerem que as crianças que são expostas ao conflito interparental podem modelar os seus relacionamentos futuros com base na sua experiência (Davies & Cummings, 1994).

O artigo de Xin et al., (2009) fornece uma revisão e uma análise da teoria cognitivo-contextual do conflito interparental. Os autores destacam a importância desta teoria para compreender como as crianças lidam com o conflito interparental e as suas implicações para o desenvolvimento da saúde emocional.

Segundo Xin et al. (2009), a teoria cognitivo-contextual sugere que as crenças e expectativas que as crianças têm sobre os relacionamentos dos pais afetam a sua perceção do conflito interparental e, conseqüentemente, a sua resposta ao mesmo. Os autores (Xin et al., 2009) destacam que a teoria cognitivo-contextual permite a compreensão de como o conflito interparental pode afetar negativamente a saúde emocional das crianças, incluindo aumento do risco de ansiedade, depressão, problemas de comportamento e baixa autoestima. Além disso, a exposição prolongada a este conflito pode levar a uma maior probabilidade de desenvolver problemas psicológicos futuros.

Toda a teoria da vinculação parte do princípio de que a segurança emocional é um fator fundamental para o funcionamento ao longo da vida, tendo uma grande influência no desenvolvimento da personalidade (Bowlby, 1969). Segundo Repetti et al. (2002), desde cedo que as crianças dependem dos seus cuidadores para lhe assegurar bem estar físico e emocional. Segundo os autores (Repetti et al., 2002), esta segurança irá moldar o

comportamento das crianças para que possam ser independentes na salvaguarda deste mesmo bem estar. Assim, existe uma aprendizagem que é feita desde cedo com os cuidadores relativamente à segurança emocional e a como manter essa segurança.

Segundo Davies & Martin (2014), o comportamento das crianças perante o conflito interparental é consequência do sistema de defesa social. O ser humano está, segundo os autores (Davies & Martin, 2014), preparado para interpretar as pistas sociais de indivíduos ou grupos hostis ou agressivos, de forma a proteger-se desses mesmos ambientes. Davies & Martin (2014) explicam ainda que, no caso do conflito interparental, este pode despertar nas crianças este sistema de defesa (por haver pistas de hostilidade e agressividade), mas é mais profundo do que isso, uma vez que os cuidadores possuem um maior poder na dinâmica, estabilidade e segurança do ambiente familiar.

A teoria da segurança emocional (Davies et al., 2006) explica que a exposição das crianças ao conflito interparental conduz a resultados desadaptativos, devido à negligência que existe em relação às emoções da criança, que compromete a sua perceção de segurança em relação à família e pode contribuir para trajetórias de desenvolvimento que levam a psicopatologia nas crianças (Davies et al., 2006).

Esta teoria tem grande fundamentação na teoria da vinculação, uma vez que existe uma dificuldade das crianças em utilizar os cuidadores como fator de proteção emocional, se não sentirem que o ambiente é emocionalmente seguro (Davies et al., 2006). No entanto, problemas na segurança emocional não são sinónimo de problemas na vinculação. A primeira ocorre dentro da relação interparental (transmitindo sinais de perigo para a criança) e a segunda ocorre na relação entre o cuidador e a criança (Davies & Martin, 2014). Ainda assim, a falta de segurança emocional pode influenciar o vínculo por dificultar a utilização do cuidador como fator de proteção (Davies et al., 2006).

Então, de acordo com a teoria da segurança emocional, as crianças precisam de sentir uma relação segura entre os cuidadores (de se inserirem num ambiente seguro) para desenvolver uma base sólida de segurança emocional. Quando os pais estão envolvidos em conflito, isso pode ameaçar esta sensação de segurança da criança e prejudicar o seu desenvolvimento emocional e psicológico.

Um estudo de Vaughn, Bost, Hill, Shaw, e Leeds (2000) concluiu que o conflito interpaparental e a insegurança baseada na relação estavam relacionados com aumentos de comportamentos problemáticos e diminuições do bem-estar emocional de crianças em idade escolar. Outro estudo, de Grych & Fincham (1992), descobriu que a segurança baseada na relação com um dos pais estava relacionada com diminuição no impacto negativo do conflito interpaparental nas crianças.

Em resumo, a teoria da segurança emocional sugere que o conflito interpaparental pode prejudicar a segurança emocional das crianças e ter um impacto negativo no seu desenvolvimento emocional e psicológico.

A teoria cognitivo-contextual (Xin et al., 2009) e a teoria da segurança emocional (Davies et al., 2006) reconhecem que o impacto que o conflito interpaparental tem nos resultados desenvolvimentais da criança não depende tanto do conflito em si, mas da percepção que a criança tem desse conflito (Bickham & Fiese, 1997).

Como referido anteriormente, o conflito interpaparental pode levar a problemas emocionais, comportamentais e de saúde física nas crianças (Cummings & Davies, 2010). Além disso, pode prejudicar o desenvolvimento de habilidades sociais e de relacionamento, bem como afetar negativamente o desempenho escolar (Buehler, 1997).

Por estas razões, é importante compreender os fatores que influenciam a percepção de conflito interpaparental por parte das crianças, como a idade, género, relações familiares e contexto ambiental, entre outros (Xin et al., 2009). Esta compreensão pode ajudar a

desenvolver estratégias para prevenir ou minimizar o impacto negativo do conflito interparental nas crianças. Um dos fatores que se associa à percepção de conflito interparental na criança, são as práticas parentais (Hess, 2021), que podem ser por si só motivo de conflito.

## 2.2. PRÁTICAS PARENTAIS

As práticas parentais são uma diferenciação mais tardia dos estilos parentais descritos por Baumrind (1966). Baumrind, (1966) criou um modelo através do qual os pais pertenciam a uma de três categorias consoante o nível de controlo e responsividade que exerciam na sua relação com os seus filhos (autoritativos, autoritários e permissivos). Na sua obra, Baumrind (1966) explica também as consequências que o controlo exercido pelos pais tem no desenvolvimento das crianças. A criação dos estilos parentais foi um importante salto para a compreensão do impacto das interações entre pais e filhos no desenvolvimento das crianças, tendo evoluído ao longo do tempo. Maccoby e Martin (1983) vieram acrescentar o estilo negligente, sendo este aquele que apresenta baixos níveis de controlo, assim como baixos níveis de responsividade.

Depois de Symonds (1939) e Dornbusch et al. (1987) debaterem os valores e objetivos que influenciam o comportamento dos pais, Darling & Steinberg (1993) propõem que existem dois tipos de formas dos pais influenciarem o desenvolvimento dos filhos através do seu comportamento, sendo estes os estilos parentais e as práticas parentais (Darling & Steinberg, 1993).

Segundo Darling e Steinberg (1993), as práticas parentais são comportamentos com objetivos através dos quais os pais socializam os seus filhos, tendo um efeito direto no desenvolvimento quer do comportamento da criança quer de características suas (como a auto-estima). A investigação derivada das tradições psicodinâmicas e da aprendizagem social

(Darling & Steinberg, 1993), e dos contributos de Baumrind (1966) e Maccoby e Martin (1983), conceptualizou as práticas parentais em duas dimensões: a responsividade, que inclui aceitação, carinho, apoio, auto-regulação; e o controlo, que se refere à exigência de maturidade dos pais relativamente aos filhos, ao controlo do comportamento e à ação disciplinar. Estas práticas de socialização exercidas pelos pais vão-se alterando ao longo do desenvolvimento das crianças (Roberts et al. 1984). Isto é, as práticas de socialização acompanham o desenvolvimento, devendo haver um maior nível de independência ao longo dos anos, que se traduz em menor controlo direto por parte dos pais relativamente ao comportamento dos filhos (Roberts et al., 1984). As práticas parentais devem espelhar a mudança das necessidades e competências das crianças e adolescentes, caminhando para um maior nível de autonomia e liberdade (Roberts et al., 1984).

É importante deixar clara a distinção entre estilos e práticas parentais. Segundo Darling & Steinberg (1993), os estilos parentais refletem um clima emocional existente entre os pais e as crianças, clima esse que é composto não só pelas práticas parentais (comportamentos específicos com objetivos de socialização), mas também o “tom de voz, linguagem corporal, descuido, mudança de humor ...” (Darling & Steinberg, 1993). Assim, os estilos parentais não estão diretamente relacionados com o comportamento da criança nem é uma ferramenta através da qual os pais exercem os seus objetivos de socialização específicos relativamente aos filhos, mas são antes um leque de interações que transmitem atitudes emocionais dos pais para com os filhos, assim como as práticas parentais que os pais exercem e os valores e objetivos que têm relativamente aos filhos (Darling & Steinberg, 1993).

Os estilos parentais têm influência no efeito que as práticas parentais vão ter no desenvolvimento dos filhos, na medida em que moldando as interações entre a díade estão também a moldar as práticas parentais e a influenciar a personalidade das crianças através

destas interações (Darling & Steinberg, 1993). A abertura da criança para ser influenciada pelas práticas parentais também vai diferir (Darling & Steinberg, 1993).

É através deste leque de interações que os pais variam no seu estilo parental, sendo considerados autoritários, autoritativos, permissivos ou negligentes, consoante as variáveis de controlo e cuidado/afeto (Darling & Steinberg, 1993). Já nas práticas parentais, não existem categorias onde os pais se encaixam, mas antes práticas mais ou menos responsivas e mais ou menos controladoras, práticas essas relacionadas com o comportamento da criança e com objetivos específicos de socialização dos pais.

Roberts et al. (1984) desenvolveram um estudo com pais e mães de crianças de 3 anos, através do preenchimento do CRPR (Child Rearing Practices Report), voltando a pedir aos pais que preenchessem o mesmo questionário aos 12 anos de idade dos seus filhos. Mostrou-se haver uma continuidade substancial quer nas práticas da mãe como do pai, havendo algumas alterações em áreas em que estas são expectáveis. Mostra-se assim existir uma constância nas práticas exercidas pelos pais, podendo isso sugerir que não seja uma variável que seja alterada pela existência de conflito interparental, mas mantendo a possibilidade de influenciar o mesmo. Neste mesmo estudo, Roberts et al. (1984) mede o acordo entre as práticas das mães e dos pais, através de uma correlação entre os scores de cada item do pai e da mãe.

Alguns estudos sugerem que as práticas parentais são geralmente estáveis ao longo do tempo e podem ser influenciadas por fatores internos, como personalidade e antecedentes de vida, bem como fatores externos, como eventos stressantes ou mudanças nas circunstâncias sociais ou económicas (Lengua & Coalter, 2003). Outros estudos mostram que as práticas parentais podem mudar ao longo do tempo em resposta a mudanças nas circunstâncias da família, como a chegada de um novo filho ou a idade dos filhos (Pettit & Lansford, 2009).

Além disso, algumas evidências sugerem que a constância das práticas parentais pode ser influenciada pelo tipo de prática em questão. Por exemplo, práticas como o aumento da supervisão ou o fornecimento de apoio emocional podem ser mais estáveis ao longo do tempo, comparativamente com práticas como o uso de punição física (Dix, 1991).

Em geral, é importante compreender que a constância das práticas parentais ao longo do tempo é influenciada por uma combinação de fatores internos e externos e pode variar dependendo do tipo de prática em questão.

## **2.3. COMPORTAMENTOS EXTERNALIZANTES E INTERNALIZANTES**

### **2.3.1. A Pré-Adolescência**

Segundo Erikson (1980), existe uma crise associada aos vários ciclos de vida do indivíduo. A crise associada ao período entre os 6 e 11 anos, incluindo então o período da pré-adolescência, é marcada por pôr em prática competências sociais com pessoas fora da família, desenvolvendo a sua autoestima na relação com os outros.

Assim, na pré-adolescência, há um papel fundamental da relação com os outros, que vai servir de validação do self e ajudar a continuar a construir a autoestima, sendo este um período onde há uma redefinição do self em relação com os outros, e vice versa (Christie & Viner, 2005). As experiências iniciais e constantes que as crianças têm com os seus cuidadores, tais como a responsividade destes, vão influenciar o desenvolvimento social e emocional das crianças (Jaffari-Bimmel et al., 2006).

O desenvolvimento nesta fase ocorre então como resultado de experiências precoces e características individuais da criança (Jaffari-Bimmel et al., 2006). São estas condicionantes desenvolvimentais que podem fazer com que os comportamentos da criança relativamente aos outros seja causando dano, ou mesmo falta de interação, comportamentos externalizantes e internalizantes que poderão ser a base para futuras psicopatologias.

O conceito de comportamentos externalizantes e internalizantes tem vindo a evoluir na sua conceptualização. McGuire & Richman (1986) começaram por distinguir problemas de conduta e emocionais, sendo estes problemas emocionais atualmente referidos como comportamentos internalizantes (relacionados na altura com a busca por atenção e o medo) (McGuire & Richman, 1986) e os de conduta, atualmente referidos como comportamentos externalizantes (relacionados na altura com a agressividade, assim como a destruição e a interferência nas brincadeiras dos outros) (McGuire & Richman, 1986). Achencach et al. (1987) trazem então estes conceitos de comportamentos internalizantes e externalizantes. Os primeiros estão associados a sintomas depressivos e de retirada social, já os segundos estão associados a sintomas de agressividade e destruição (Achencach et al., 1987).

### **2.3.2. Problemas Internalizantes**

Merrell (2008) fala de problemas internalizantes como sendo aqueles que nascem do excesso de controlo, ou um controlo disfuncional, dos estados emocionais e cognitivos da pessoa. Alguns desses problemas podem ser a ansiedade, depressão, comportamentos de retirada social e sintomas somáticos (Bongers et al., 2003). Estes problemas internalizantes são direcionados para os próprios, e não para os outros (Merrell, 2008).

Um estudo de Goodman (2002) destaca que a depressão na pré-adolescência é frequentemente caracterizada por humor deprimido, perda de interesse em atividades anteriormente agradáveis, alterações no sono e no apetite, bem como baixa autoestima e pensamentos suicidas. Já a ansiedade na pré-adolescência pode incluir preocupações exageradas e persistentes, evitação de situações ansiogénicas, bem como sintomas físicos, como sudorese e palpitações, segundo Bittner & Garrison (2007). O TOC (Transtorno Obsessivo-compulsivo) na pré-adolescência é frequentemente caracterizado por pensamentos obsessivos repetitivos e comportamentos compulsivos para aliviar a ansiedade associada a

esses pensamentos, de acordo com um estudo de Bloch, Landeros-Weisenberger, Rosario, & Pittenger (2008).

A depressão é um dos problemas internalizantes mais comuns, sendo caracterizada por humor deprimido, perda de interesse, cansaço, sentimentos de culpa ou pensamentos sobre a morte (DSM-5, 2014), podendo exibir problemas somáticos e de irritabilidade na adolescência (Merrell, 2008). A perda de interesse e o humor depressivo são, nas crianças e adolescentes, os fatores mais marcantes, sendo que as raparigas mostram mais sintomas do que os rapazes (Merrell, 2008) e demonstram-se crescentes ao longo da idade, especialmente nas raparigas (Bongers et al., 2003). Ao contrário do pensamento dominante durante algum tempo, existe depressão e sintomas depressivos na infância e pode ser manifestada de forma diferente consoante a faixa etária (Merrell, 2008).

Os sintomas de ansiedade manifestam-se de formas diferentes ao longo do desenvolvimento, podendo passar pela ansiedade de separação na infância e ansiedade generalizada ou fobia social na adolescência (Bongers et al., 2003). Ainda assim, por muitos tipos de ansiedade que possam existir, o modelo tripartido (Merrell, 2008) fala de três elementos comuns a qualquer estado de ansiedade, sendo esses os sentimentos subjetivos (sendo um deles o medo ou os sentimentos relacionados com a morte), comportamentos manifestados (através do evitamento, por exemplo) e, por fim, as respostas fisiológicas à ansiedade. Estima-se que este problema seja o maior dentro dos problemas internalizantes, sendo que inclui um variado leque de sintomas, desde ansiedade generalizada a fobias (Merrell, 2008).

Outro problema internalizante é o da retirada social, estando geralmente associado aos dois problemas mencionados anteriormente (Merrell, 2008). Este é um problema que leva as crianças e adolescentes a não iniciar interações sociais, assim como a afastarem-se quando os pares as tentam iniciar (Merrell, 2008). Um estudo de La Greca & Lopez (1998) destaca que

a retirada social é um sintoma comum da depressão na pré-adolescência. De acordo com o estudo, os jovens que se retiram socialmente podem apresentar sintomas como uma perda de interesse em atividades anteriormente agradáveis, mudanças no sono e no apetite, e baixa autoestima.

Outro estudo, de Bittner & Garrison (2007), destaca que a retirada social pode estar relacionada com o transtorno de ansiedade na pré-adolescência. De acordo com o estudo, os jovens com transtorno de ansiedade podem evitar interações sociais por medo de situações ansiogênicas ou por medo de serem rejeitados.

Um artigo de Gifford-Smith & Brownell (2003) destaca também que a retirada social pode ter consequências negativas para o desenvolvimento social e emocional dos jovens. De acordo com o estudo, a retirada social pode levar a uma perda de habilidades sociais e a uma diminuição na qualidade das relações interpessoais.

Em resumo, a retirada social é uma forma de comportamento internalizante que pode estar associada a problemas como a depressão e a ansiedade na pré-adolescência. Pode ter consequências negativas para o desenvolvimento social e emocional dos jovens.

Por último, existem os problemas internalizantes somáticos, que são sintomas físicos sem explicação médica, com origens psicológicas, causados por problemas emocionais (Merrell, 2008). Este é mais um problema que pode estar associado a sintomas depressivos ou de ansiedade, sendo nas crianças e adolescentes os sintomas mais comuns a dor de cabeça, de estômago, vômitos, comichões ou problemas respiratórios (Merrell, 2008).

Estudos (Goodman, 2004; Eiser & Morse, 2003) mostram que os sintomas somáticos são comuns na pré-adolescência e podem ser uma forma de resposta a stressores sociais e psicológicos. De acordo com o estudo, os jovens que apresentam sintomas somáticos também apresentam uma maior prevalência de problemas psicológicos, incluindo a depressão e a ansiedade.

Outro estudo, de Weisz et al. (2005), destaca que os sintomas somáticos podem estar relacionados com problemas emocionais na pré-adolescência. De acordo com o estudo, os jovens que apresentam sintomas somáticos também apresentam sintomas de depressão, ansiedade e baixa autoestima.

### **2.3.3 Problemas externalizantes**

Os comportamentos externalizantes incluem sintomas de agressividade e comportamento delinvente (Bongers et al., 2003), estando, portanto, associados a comportamentos antissociais ou disruptivos (Krueger, 1999). A agressividade e os comportamentos de oposição servem, para algumas crianças, como forma de desenvolver as suas técnicas de comunicação (Bongers et al., 2003).

Importa começar por perceber o que são comportamentos agressivos nas crianças e adolescentes. Segundo escalas utilizadas para pais e professores, os comportamentos agressivos podem ser a desobediência aos professores, a criação de mentiras, incomodar os outros e a agressão física (Tremblay, 2000). Assim, estes comportamentos estão associados aos comportamentos antissociais na medida em que não incentivam interações sociais, antes pelo contrário. Os comportamentos agressivos são indesejados nas interações sociais com os outros, sejam eles pais, professores ou pares, uma vez que são feitos com alguma intenção de causar dano ao outro (Tremblay, 2000). Estas agressões vão-se alterando ao longo do desenvolvimento, observando-se cada vez menos agressões físicas à medida que as crianças crescem (Bongers et al., 2003).

Apesar da tendência para estas agressões se alterarem à medida que as crianças crescem, existem poucas raparigas e rapazes que exibem comportamentos delinquentes persistentes durante a infância e adolescência (sendo este número ainda mais baixo para as raparigas, cerca de 10%) (Bongers et al., 2003). Estes comportamentos podem ser as mentiras, roubos ou incendiar (Bongers et al., 2003). Assim, os comportamentos

externalizantes, apesar de terem uma vertente antissocial, raramente se manifestam em comportamentos que cheguem a ser considerados delinquentes.

#### 2.4. PRÁTICAS PARENTAIS E CONFLITO INTERPARENTAL

Coln et al. (2013) realizou um estudo que visava testar a mediação que as práticas parentais negativas e o controlo fisiológico desempenhavam entre o conflito interpARENTAL e comportamentos externalizantes e internalizantes da criança. Neste estudo (Coln et al., 2013), os autores concluíram que havia relações diretas entre o conflito interpARENTAL e as práticas parentais negativas, controlo e comportamentos internalizantes e externalizantes das crianças. Coln et al., (2013) mencionam que quando existe conflito interpARENTAL, este conflito pode retirar a sensibilidade que os pais necessitam para responder às necessidades dos filhos, podendo por isso apresentar práticas parentais menos responsivas.

Este acordo entre as práticas de ambos os pais é importante uma vez que as práticas que cada um dos pais utiliza com os filhos poderá estar na raiz do seu conflito, ou, contrariamente, o conflito entre ambos poderá estar a influenciar as suas práticas parentais, levando a práticas mais controladoras e de menos afeto (como se verificou no estudo de Hess, 2021 e de Coln et al., 2013). A título de exemplo, sabe-se que pais que são mais autoritários e menos democráticos tendem a ter mais conflitos e a ter práticas parentais menos positivas, enquanto pais que são mais democráticos e comunicativos tendem a ter menos conflitos e a ter práticas parentais mais positivas (Amato & Keith, 1991). Por outro lado, o conflito interpARENTAL pode interferir na capacidade dos pais de implementar uma boa disciplina e de estabelecer uma relação positiva com os filhos (Cummings & Davies, 2010). Assim, as práticas parentais podem afetar a dinâmica de conflito interpARENTAL e, por sua vez, o conflito interpARENTAL pode afetar as práticas parentais.

Uma das limitações presentes no estudo de Coln et al. (2013) é o facto de estarem apenas a ser medidas as práticas parentais da mãe, não tendo em conta as divergências que podem ocorrer na díade parental nessas mesmas práticas.

Existe então informação de estudos anteriores que relacionam o conflito interpaparental com práticas parentais menos responsivas (Hess, 2021 e de Coln et al., 2013). No entanto, não foram encontradas evidências que relacionem de forma direta o conflito interpaparental com o desacordo entre as práticas parentais dos pais. Assim, torna-se importante perceber se o conflito interpaparental está de facto associado sobretudo a práticas menos responsivas ou se poderá também estar relacionado a um desacordo entre as práticas dos pais (fraca correlação entre os itens de controlo e responsividade respondidos por ambos os pais ao questionário relativo às suas práticas parentais).

Assim, quer seja o conflito interpaparental a influenciar o desacordo entre as práticas ou o desacordo nas práticas parentais a motivar o conflito interpaparental, acredita-se que existe uma associação entre estas duas variáveis.

## 2.5 PRÁTICAS PARENTAIS, CONFLITO INTERPARENTAL E COMPORTAMENTOS EXTERNALIZANTES E INTERNALIZANTES

O estudo de Coln et al. (2013) verifica que o conflito interpaparental faz com que os pais estejam menos emocionalmente disponíveis para serem responsivos, e que é essa falta de disponibilidade por parte dos pais que irá provocar nos filhos uma reação que poderá ocorrer na forma de comportamentos externalizantes ou internalizantes. Então, o que está a provocar estes comportamentos são as práticas parentais negativas, estando portanto o conflito a ser mediado pelas práticas parentais.

A teoria spillover postula que o que acontece na relação entre os pais irá passar para a díade pais-criança (Coln et al., 2013). O conflito interpaparental pode afetar negativamente a

qualidade da relação pai-criança e interferir na capacidade dos pais de fornecer um ambiente de apoio e cuidado à criança (Buehler, 1997). Além disso, a teoria spillover sugere que as crianças podem ser afetadas por tensões e conflitos em que não estão diretamente envolvidos, mas dos quais são testemunhas (Cummings & Davies, 2010).

De acordo com Xin et al. (2009), o conflito interparental pode ter efeitos duradouros na saúde emocional da criança e pode ser um fator de risco para a promoção de comportamentos problemáticos na infância e na adolescência.

Toda esta passagem do conflito para a díade pais-criança pode provocar nas crianças comportamentos disruptivos ou de culpa (ou depressivos). Quando as crianças testemunham ou são afetadas pelo conflito interparental, estas podem sentir-se responsáveis ou culpadas, o que pode interferir na sua autoestima e bem-estar emocional (Coln et al., 2013; Grych et al., 1992).

Para além disso, a teoria da aprendizagem social pode servir como explicação para a reprodução que as crianças fazem de alguns comportamentos dos pais. Assim, se existe conflito interparental destrutivo, onde a criança assiste a comunicação agressiva ou hostil, é esta comunicação que a criança vai aprender a reproduzir, podendo assim levar a comportamentos externalizantes (Coln et al., 2013), assim como a falta de afeto e responsividade resultante deste conflito poderá levar a comportamentos internalizantes ou a chamadas de atenção na forma de comportamentos externalizantes (Coln et al., 2013).

Segundo Repetti et al. (2002) o conflito interparental e as práticas parentais inseguras estão associados a um aumento dos comportamentos externalizantes, enquanto que o apoio parental e a monitorização estão relacionados a comportamentos internalizantes saudáveis, como empatia e autoestima.

Então, conclui-se que existe relação bidirecional entre o conflito interparental e as práticas parentais, e que as crianças expostas ao conflito interparental são mais propensas a

apresentar comportamentos externalizantes do que aquelas que não estão expostas (Huesmann & Guerra, 1997). Isso pode ser explicado pelo fato de que o conflito pode levar a uma sensação de insegurança e incerteza nas crianças, o que pode resultar em comportamentos externalizantes como uma forma de lidar com o stress (Grych & Fincham, 1990). Estudos têm também mostrado que crianças expostas ao conflito interparental são mais propensas a apresentar comportamentos internalizantes do que aquelas que não estão expostas (Susman & Dorn, 2009), uma vez que o conflito pode levar a uma sensação de abandono e culpa nas crianças, o que pode resultar em comportamentos internalizantes como uma forma de lidar com o stress (Grych & Fincham, 1990).

É importante destacar que as consequências do conflito interparental para as crianças não são universais e dependem de vários fatores, incluindo a gravidade do conflito, a idade da criança e sua capacidade de lidar com o stress. Além disso, é importante lembrar que o conflito interparental é apenas um dos muitos fatores que podem afetar o desenvolvimento e o bem-estar das crianças, e não deve ser visto como o único determinante (Susman & Dorn, 2009).

Ainda assim, toda a teoria em volta da relação entre estas três variáveis parte do princípio de que são as práticas parentais negativas, resultantes da falta de disponibilidade emocional causada pelo conflito interparental, que provocam nas crianças estes comportamentos (Coln et al., 2013), assim como a reprodução das crianças de comportamentos agressivos por parte dos pais (Coln et al., 2013). No entanto, estas práticas remetem apenas para a mãe, sendo importante entender se isto acontece a ambos os pais ou apenas a um.

É também interessante refletir, caso se verifique que um dos pais tem práticas parentais negativas e o outro positivas, e as crianças exibem comportamentos externalizantes e internalizantes, se será causado pelas práticas negativas de um deles ou pelo facto de não

existir acordo entre os pais na forma de responder às necessidades dos filhos, o que poderá ser por si só, motivo de conflito interparental. Será também interessante perceber o que acontece ao comportamento da criança quando existe conflito interparental mas as práticas dos pais são ambas positivas ou ambas negativas, assim como o que acontece quando as práticas são diferentes mas não existe conflito interparental.

Assim, este estudo não pretende criar uma relação de causalidade entre as variáveis, mas antes tentar compreender como é que as crianças respondem, através do seu comportamento, a qualquer uma destas hipóteses. Tendo por base evidência que mostra que o conflito interparental e as práticas parentais estão relacionadas e que quer o conflito interparental, quer as práticas parentais negativas, provocam nas crianças comportamentos externalizantes e internalizantes (Coln et al., 2013).

### **3. OBJETIVOS E HIPÓTESES**

O presente estudo pretende relacionar as variáveis percepção de conflito interparental, as práticas parentais de ambos os cuidadores e comportamentos externalizantes e internalizantes nas crianças. Pretende-se analisar o papel da percepção de conflito interparental como mediador entre as práticas parentais e os comportamentos externalizantes e internalizantes das crianças.

Este estudo vem preencher algumas lacunas existentes relativamente ao impacto das práticas parentais de ambos os pais nos comportamentos das crianças. Isto é, sabe-se que práticas parentais negativas estão associadas a mais comportamentos internalizantes e externalizantes nas crianças, e que as práticas parentais estão associadas ao conflito interparental. Importa perceber se é apenas a qualidade das práticas (serem positivas ou negativas) que irá influenciar os comportamentos internalizantes e externalizantes na criança, ou se poderá ser também o desacordo existente entre os cuidadores relativamente a estas práticas. Para mais, ainda sobre a qualidade das práticas, interessa perceber o que acontece

nas variáveis da percepção de conflito e comportamentos da criança tendo em vista ambos os cuidadores, uma vez que os estudos que têm sido desenvolvidos, focam-se apenas na mãe como cuidador quando estudam o impacto as práticas nas crianças.

Os objetivos específicos do presente estudo são os seguintes:

- 1) Examinar as associações entre o acordo nas percepções individuais de ambos os cuidadores acerca das suas práticas parentais e as percepções das crianças do 5º e 6º ano acerca do conflito interparental;
- 2) Examinar as associações entre as percepções das crianças do 5º e 6º ano acerca do conflito interparental e os comportamentos internalizantes e externalizantes das mesmas;
- 3) Examinar as associações entre a qualidade das práticas parentais dos cuidadores e os comportamentos externalizantes e internalizantes das crianças do 5º e 6º ano.

Com base na revisão da literatura, e tendo em conta os objetivos estabelecidos para o presente estudo, espera-se como hipóteses:

H1: Espera-se uma associação positiva entre a diferença nas percepções individuais de ambos os cuidadores acerca das suas práticas parentais e as percepções das crianças do 5º e 6º ano acerca do conflito interparental;

H2: Espera-se uma associação positiva entre as percepções das crianças do 5º e 6º ano acerca do conflito interparental e os comportamentos internalizantes e externalizantes das mesmas;

H3a): Espera-se que quanto mais responsivos sejam ambos os cuidadores, menores os comportamentos externalizantes e internalizantes das crianças do 5º e 6º ano.

H3b): Espera-se que quanto mais controlo ambos os cuidadores exibam nas suas práticas parentais, maiores os comportamentos externalizantes e internalizantes das crianças do 5º e 6º ano.

## **4. METODOLOGIAS**

### **4.1. Participantes**

O presente estudo contou com 92 tríades, após a eliminação de todas as cerca de 40 tríades que tinham questionários inválidos. Estas tríades eram constituídas pela mãe, pai e criança do quinto ou sexto ano de escolaridade na zona da grande Lisboa. Das 92 crianças que participaram no presente estudo, estão incluídas 51 que pertenciam ao quinto ano de escolaridade e 41 que pertenciam ao sexto ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos, com uma idade média de 11,04 anos, sendo 44 do sexo feminino e 47 do sexo masculino (1 ficou omissa). Relativamente à constituição do agregado com quem as crianças vivem, 43 vivem com mãe, pai e irmãos, 28 com mãe e pai e as restantes tinham outro tipo de agregado (como mãe e pai em casas separadas). Relativamente aos pais, 71 estavam juntos, 19 separados e 2 responderam “outro”.

### **4.2. Procedimento**

Começou por se realizar uma pesquisa sobre os temas a serem investigados de modo a que se apurasse a pertinência do estudo e reunir toda a informação necessária para realizar o enquadramento teórico.

De seguida, foram escolhidos instrumentos que medissem as variáveis a ser estudadas, e foi pedida autorização aos autores dos respectivos instrumentos, através do email, para a utilização dos mesmos.

Para recolher a amostra, foram contactadas várias escolas e centro de estudo na zona metropolitana de Lisboa (Lisboa centro, Almada e Rio de Mouro), de modo a agendar uma reunião com a direção das mesmas ou os coordenadores do 2º ciclo (referente ao 5º e 6º ano de escolaridade). Em cada reunião, foi explicado os objetivos do estudo, assim como os instrumentos a serem utilizados. Cada diretor de turma que aceitou participar, ficou com um envelope por aluno a ser entregue ao respetivo encarregado de educação. Este envelope continha o consentimento informado e duas cópias do Modified Child Rearing Practices Questionnaire (CRPR-Q) em português. Os diretores de turma informaram os encarregados de educação sobre o estudo a ser realizado e de que cada um dos cuidadores do aluno teria que preencher uma das cópias do referido questionário.

Quando os questionários fossem devolvidos aos respetivos diretores de turma, era feita uma visita à escola a fim de recolher, em contexto de sala de aula, o Security in the Interparental Subsystem (SIS) e o Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ-por) a cada aluno que tivesse autorização do encarregado de educação para a participação e que ambos os cuidadores tivessem preenchido o Modified Child Rearing Practices Questionnaire (CRPR-Q).

Assim, os questionários dos alunos foram preenchidos de forma individual, sendo-lhes explicado que o preenchimento seria voluntário. O facto de ser presencial permitiu o esclarecimento de dúvidas que os alunos iam tendo aquando da realização dos questionários.

### **4.3. Instrumentos**

#### **4.3.1. Security in the Interparental Subsystem (SIS) (Davies et al., 2002)**

A Security in the Interparental Subsystem (SIS) (Davies et al., 2002) será a utilizada para avaliar a perceção de conflito interparental na população portuguesa (Silva et al., 2016). O SIS é uma escala desenvolvida originalmente para crianças dos

10 aos 14 anos, aproximadamente (crianças do sexto, sétimo e oitavo ano de escolaridade) (Davies et al., 2002), a versão Portuguesa foi aplicada em adolescentes do quinto ao nono ano de escolaridade (Silva et al., 2016). Por já ter sido aplicada por diferentes estudos a diferentes idades, e não parecer afetar a sua validade, foram consideradas as idades dos 10 aos 14 anos por serem as idades aplicadas na versão para a população portuguesa (Silva et al., 2016).

A escala original é composta por 43 itens (antes da validação dos autores), tendo Silva et al. (2016) alterado as dimensões e reduzido os itens, dos 35 que permaneceram em Davies et al. (2002) para apenas 19. No presente estudo, foi aplicada a versão portuguesa da escala original de 43 itens, para que fosse possível avaliar alguma correlação significativa entre escalas que possam não existir nas versões mais recentes do questionário, mas será também feita a análise de resultados segundo o modelo de Silva et al. (2016), constituído por seis dimensões e 19 itens.

Originalmente, após a validação, Davies et al. (2002) mantiveram 35 itens divididos nas seguintes subescalas, compostas por várias dimensões: Reatividade emocional (com a dimensão reatividade emocional e desregulação comportamental), regulação da exposição ao afeto parental (composta por evitamento e envolvimento) e representações internas (composta pelas dimensões representações familiares construtivas, destrutivas ou de spillover).

Cada item é respondido através de uma escala de Likert de 4 pontos (de 1 - Nada verdadeiro a 4 - Totalmente verdadeiro) (Silva et al., 2016). As três subescalas existentes na versão do SIS de Silva et al. (2016), e que vão ao encontro da teoria da segurança emocional, são a reatividade emocional, regulação na exposição ao conflito e representações internas da relação interparental (Silva et al., 2016). Esta versão (Silva et al., 2016) utilizou o modelo das seis dimensões, estando estas incluídas dentro dos

três principais processos de resposta emocional (Silva et al., 2016). Assim, no processo emocional, encontra-se a dimensão da reatividade emocional (afetos negativos, tristeza, incapacidade de se acalmarem, contendo 7 itens). No processo cognitivo, está presente representações familiares construtivas (que o conflito não faz mal, ou é até mesmo construtivo, para a família, contendo 4 itens) e representações do spillover do conflito (culpa) (ideia de que o conflito dos pais pode afetar a relação que a criança tem com eles e o sentimento de se sentir no meio deste mesmo conflito, contendo 2 itens). No processo comportamental, está presente a dimensão do evitamento por inibição (comportamentos inibitórios perante o conflito, 2 itens), evitamento por retirada (afastar-se fisicamente do conflito, composta por 2 itens), envolvimento (envolver-se emocionalmente ou comportamentalmente no conflito dos pais, contém 2 itens) (Silva et al., 2016). A consistência interna das dimensões primeiras três itens revelou-se boa ( $\alpha = 0.85$  para a reatividade emocional,  $\alpha = 0.79$  para as representações familiares construtivas e  $\alpha = 0.74$  para a dimensão spillover) (Silva et al., 2016). Para as restantes 3 dimensões, o alpha encontrou-se inferior aos 0.70 (a partir do qual é considerado aceitável) (Silva et al., 2016).

Quanto maior o valor em cada uma destas dimensões, maior a intensidade dessa mesma dimensão (por exemplo, quanto mais elevado o valor na dimensão de envolvimento, mais envolvimento existe por parte da criança) (Silva et al., 2016).

**4.3.2. Modified Child Rearing Practices Questionnaire (CRPR-Q)** (Block, 1965), versão portuguesa (Ribeiro et al., 2021)

O instrumento que vai ser utilizado para medir as práticas parentais é o Modified Child Rearing Practices Questionnaire (CRPR-Q) (Block, 1965), baseado nos fatores de restritividade (controlo) e suporte. A versão utilizada será a versão para a população portuguesa (Ribeiro et al., 2021), aplicada em pais de crianças dos 3 aos 15

anos. Este questionário consiste em 40 itens, dos quais 22 pertencem ao fator de restritividade, e os restantes ao fator de suporte. Os itens de restritividade abordam o controlo exercido relativamente aos comportamentos e sentimentos dos filhos e a pouca flexibilidade nos limites relacionados com o comportamento. Os itens relativos ao suporte representam a capacidade dos pais escutarem os filhos, partilha de experiências, demonstração de afeto, aceitação e responsividade (Ribeiro et al., 2021). Os autores deste estudo (Ribeiro et al., 2021), abandonaram quatro dos itens por terem conteúdo sexual considerado pouco apropriado em estudos anteriormente realizados. É utilizada uma escala de Likert de 6 pontos, onde 1 é “discordo fortemente” e o 6 “concordo fortemente”. Quanto maior o valor, em cada dimensão, maior o suporte (nos itens desta subescala) e maior o controlo (nos itens pertencentes a essa subescala). O instrumento mostrou uma boa viabilidade e consistência ( $\alpha = .83$  para o suporte e  $\alpha = .86$  para o controlo) (Ribeiro et al., 2021).

**4.3.3. Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ-por), versão de auto-relato** (Goodman, 1997 traduzido e adaptado por Fleitlich et al., 2004).

Para medir as capacidades e dificuldades dos participantes, será utilizado o Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ-por) na sua versão de auto-relato. O SDQ foi criado por Goodman (1997) e aplicado a pais, professores e às próprias crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos (Goodman, 1997). O questionário pretendia avaliar então as capacidades e dificuldades das crianças através de 25 itens, correspondendo 5 a cada uma das 5 dimensões: problemas de comportamento, sintomas emocionais, hiperatividade, relação com os pares e comportamento pró-social (Goodman, 1997). O estudo mostrou boas correlações entre as respostas dos pais e dos professores a todas as dimensões (Goodman, 1997). Goodman et al. (1998) avaliaram a validade e fiabilidade do questionário, na sua

versão de auto-relato, apresentando valores satisfatórios. O instrumento foi traduzido e adaptado à população portuguesa por Fleitlich et al. (2004).

O questionário apresenta 25 itens divididos pelas escalas anteriormente referidas, sendo que cada item poderá ser respondido com “Não é verdade”, “Pouco verdade” e “Muito verdade”, cotados em alguns itens por 0,1 e 2 (respetivamente), e noutros itens de forma inversa (2, 1 e 0, respetivamente). De forma a calcular a pontuação total de dificuldades, soma-se os pontos de todos os itens, à exceção dos referentes à dimensão de comportamento pró-social (podendo os valores de total de dificuldades estar compreendidos entre 0 e 40). Somando os pontos atribuídos aos itens de cada uma das dimensões é então possível identificar, para cada uma delas, se a criança apresenta um valor normal, limítrofe ou anormal.

## **5. RESULTADOS**

**5.1. Comportamentos Externalizantes e Internalizantes: Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ-por), versão de auto-relato (Goodman, 1997 traduzido e adaptado por Fleitlich et al., 2004).**

Relativamente ao presente instrumento, o alpha de Cronbach mostrou-se questionável para a dimensão da Hiperatividade (0.62), Sintomas Emocionais (0.67), Problemas Internalizantes (0.66) e Externalizantes (0.67). Mostrou-se fraco na dimensão de Problemas de Relacionamento com Pares (0.51) e aceitável para os Comportamentos Pró-sociais (0.71).

Calculando o coeficiente de Pearson, foi possível verificar correlações significativas positivas entre todas as seguintes dimensões (Tabela 1): Segurança Emocional (SE), Problemas Comportamentais (PC), Hiperatividade (H), Comportamentos Externalizantes (CE) e Comportamentos Internalizantes (CI). Assim, os Sintomas Emocionais parecem estar

correlacionados não apenas com a dimensão de Comportamentos Internalizantes mas também com os Comportamentos Externalizantes e suas dimensões (Problemas Comportamentais e Hiperatividade). Foi também possível constatar a existência de uma correlação negativa moderada entre os Comportamentos Pró-sociais (CPS) e os Problemas de Relacionamento com os Pares (RP).

**Tabela 1.** Correlações das dimensões da escala SDQ

	PC	H	RP	CPS	CE	CI
SE	0,414**	0,302**	0,260*	0,179	0,425**	0,861**
PC		0,382**	0,271**	-0,182	0,791**	0,443**
H			0,051	0,014	0,865**	0,256*
RP				0,275**	0,171	0,712**
CPS					-0,091	-0,018
CE						0,406**

\*\* Correlação moderada ( $p < 0,01$ )

\* Correlação significativa ( $p < 0,05$ )

Através da ANOVA, foi possível constatar que as raparigas têm mais sintomas emocionais do que os rapazes ( $F(1, 89) = 7,628$ ,  $p = 0,01$ ), com uma média de 0,918 para elas e 0,664 para eles, e que não há diferenças significativas consoante o ano de escolaridade para nenhuma das dimensões.

**5.2. Práticas parentais: Modified Child Rearing Practices Questionnaire (CRPR-Q)**  
(Block, 1965), versão portuguesa (Ribeiro et al., 2021)

O alpha de Cronbach mostrou-se bom para todas as dimensões desta escala, sendo 0.76 para a responsividade da mãe, 0.78 para a responsividade do pai, 0.81 para a reestrutividade da mãe e 0.80 para a reestrutividade do pai . Através da realização da ANOVA, observou-se uma diferença na reestrutividade dos pais homens consoante o sexo dos filhos ( $F(1, 89)= 4,586, p=0,04$ ). Constatou-se que os pais exercem práticas mais restritivas com os filhos rapazes (média de 4,33) do que com as filhas raparigas (média de 4,03), o que não acontece com as mães ( $F(1, 89)=3,456, p=0,07$ ).

Através da correlação de Pearson, foi possível também concluir uma correlação significativa no exercício de práticas de responsividade da mãe e do pai ( $R= 0,267, p=0,01$ ) e uma correlação moderada no exercício de práticas restritivas da mãe e do pai ( $R= 0,667, p < 0,01$ ). Foi também constatado que ambos os pais apresentam mais práticas restritivas quanto mais velhos forem os filhos, sendo a correlação significativa para as mães ( $R=0,245, p=0,02$ ) e moderada para os pais ( $R=0,290, p=0,01$ ). Há então uma correlação positiva entre as práticas de reestrutividade dos pais e a idade dos filhos. Nesta variável, continua sem haver diferenças significativas nas práticas dos pais de acordo com o ano escolar dos filhos.

**5.2.1. Correlação entre exercício das práticas parentais e os comportamentos internalizantes e externalizantes dos filhos**

Relativamente à relação entre o exercício das práticas parentais e os comportamentos internalizantes e externalizantes dos filhos (Tabela 2), há uma correlação significativa positiva entre a Restritividade da mãe e os Comportamentos Internalizantes (sobretudo Relação com os Pares) e Comportamentos Externalizantes (sobretudo Hiperatividade) dos filhos. Existe também uma correlação significativa entre a Restritividade do pai e Comportamentos Internalizantes dos filhos, sobretudo na Relação com os Pares, mostrando

também uma relação significativa com os Problemas Comportamentais. Podemos então concluir que a Restritividade, quer da mãe quer do pai, está relacionada com mais problemas na relação dos filhos com os pares.

**Tabela 2.** Correlações entre a dimensão de Restritividade (CRPR-Q) e os Comportamentos Externalizantes e Internalizantes (SDQ)

	CE	CI	H	RP	PC
<b>Rest Mãe</b>	0,227*	0,288**	0,224*	0,308**	0,152
<b>Rest Pai</b>	0,202	0,245*	0,133	0,316**	0,221*

\*\* Correlação moderada ( $p < 0,01$ )

\* Correlação significativa ( $p < 0,05$ )

Contrariamente à dimensão da restritividade, não parece haver qualquer relação entre a responsividade dos pais e os comportamentos internalizantes ou externalizantes dos filhos (Tabela 3).

**Tabela 3.** Correlações entre a dimensão de Responsividade (CRPR-Q) e os Comportamentos Externalizantes e Internalizantes (SDQ).

	CE	CI	H	RP	PC
<b>Resp Mãe</b>	-0,030	-0,105	0,068	-0,080	-0,160
<b>Resp Pai</b>	-0,014	0,020	-0,143	-0,166	0,146

**5.3. Percepção do conflito interparental: Security in the Interparental Subsystem (SIS)**  
(Davies et al., 2002), versão portuguesa (Silva et al., 2016)

A presente análise de resultados será realizada segundo o modelo de seis dimensões de Silva et al. (2016). O alpha de Cronbach mostrou-se aceitável na dimensão de reatividade emocional (0.77), mas permaneceu abaixo dos 0.7 em todas as restantes dimensões. Uma possível explicação poderá ser a de que a dimensão da reatividade emocional é a que contém mais itens, e dimensões com menos itens tendem a resultar em valores menores de consistência interna (Silva et al., 2016).

Através da correlação de Pearson, foi possível constatar correlações moderadas entre várias dimensões da escala de segurança no sistema interparental. A reatividade emocional mostrou-se moderadamente relacionada a todas as dimensões, à excepção das representações familiares construtivas (Tabela 4).

**Tabela 4.** Correlações das dimensões da escala SIS

	Ev.In	Env.	Rep.C.F	SP	EV.Ret
<b>R. Em</b>	0,311**	0,447**	-0,023	0,486**	0,383**
<b>Ev.In</b>		0,311**	0,246*	0,162	0,250*
<b>Env.</b>			0,254*	0,368**	0,193
<b>Rep.C.F</b>				0,014	0,039
<b>SP</b>					0,439**

\*\* Correlação moderada ( $p < 0,01$ )

\* Correlação significativa ( $p < 0,05$ )

### 5.3.1. Correlação entre a percepção de conflito interparental e as práticas parentais

A reatividade emocional mostrou também uma correlação moderada com a restritividade de ambos os pais ( $R=0,276$ ,  $p=0.01$  para a restritividade da mãe e  $R=0,269$ ,  $p=0.01$  para a restritividade do pai). A dimensão de evitamento por retirada (Withdrawal) obteve uma relação significativa negativa com a responsividade da mãe ( $R= -0,227$ ,  $p=0.03$ ).

Outro resultado interessante foi o da representação construtiva da família, que apesar de conter itens positivos para a família, obteve uma correlação moderada negativa com a responsividade do pai ( $R= -0,289$ ,  $p=0,01$ ). Com a responsividade da mãe a correlação não foi significativa, mas o valor foi também negativo ( $R= -0,059$ ,  $p=0,57$ ). Para além disso, esta dimensão obteve valores significativos na sua correlação positiva com o evitamento por inibição e o envolvimento.

Relativamente às dimensões da versão de Davies et al. (2002), foi possível analisar que a desregulação de comportamento (dimensão retirada), obteve uma correlação moderada com várias dimensões da escala (Reatividade emocional, spillover e evitamento por retirada) e com a restritividade da mãe e do pai ( $R=0,315$ ,  $p=0.002$  e  $R=0,332$ ,  $p=0.001$ , respectivamente). Também a dimensão de representações destrutivas da família obteve relações moderada com a reatividade emocional ( $R=0,546$ ,  $p<0.001$ ), evitamento por inibição ( $R=0,279$ ,  $p=0.007$ ), envolvimento ( $R=0,492$ ,  $p<0.001$ ), spillover ( $R=0,517$ ,  $p<0.001$ ) e evitamento por retirada ( $R=0,358$ ,  $p<0.001$ ).

Foi também calculada a diferença dos valores de restritividade da mãe e do pai e a correlação dessa diferença com a percepção de conflito interparental por parte dos filhos, assim como a diferença dos valores de responsividade de ambos os pais e a correlação dessa diferença com a percepção de conflito. Assim, concluiu-se com esta análise que existe uma correlação significativa entre a diferença da responsividade da mãe e do pai e o evitamento

por retirada ( $R=0,246$ ,  $p=0,02$ ). Assim, quanto maior a diferença na responsividade dos pais, maior é o evitamento por retirada dos filhos perante o conflito interparental.

Para mais, relativamente à diferença na restritividade entre o pai e a mãe, conseguiu observar-se uma correlação significativa ( $R=0,218$ ,  $p=0,04$ ) entre esta mesma diferença e o evitamento por inibição. Observa-se também uma correlação moderada negativa entre a diferença de restritividade dos pais e a restritividade da mãe ( $R= -0,346$ ,  $p< 0,05$ ), querendo isto dizer que quanto mais diferença existe entre a restritividade da mãe do pai, mais baixa é a restritividade da mãe (sendo então o pai a ter valores de restritividade superiores quando essa diferença existe).

**5.3.2.** Correlação entre a perceção de conflito interparental e os comportamentos externalizantes e internalizantes dos filhos

Como pode ser visto na Tabela 5, a Reatividade Emocional tem correlações moderadas com quase todas as dimensões da escala de comportamentos externalizantes e internalizantes ( sintomas emocionais, problemas comportamentais, relações com os pares, comportamentos externalizantes e comportamentos internalizantes).

Como seria de esperar, a dimensão das representações construtivas da família mostraram uma correlação significativa negativa com os problemas comportamentais e uma relação moderada positiva com os comportamentos pró sociais. No entanto, ao contrário do que seria de esperar, observou-se uma correlação negativa significativa entre as representações construtivas da família e a relação com os pares.

Tanto a dimensão de spillover como a dimensão de evitamento por retirada têm correlações moderadas com os comportamentos externalizantes e internalizantes (Tabela 5).

**Tabela 5.** Correlação entre as dimensões de perceção de conflito interparental e as dimensões de comportamentos externalizantes e internalizantes

	SE	PC	H	RP	CPS	EXT	INT
<b>R. Em</b>	0,397**	0,356**	0,176	0,240*	0,084	0,303**	0,409**
<b>Ev.In</b>	0,271**	0,138	0,010	-0,024	0,153	0,080	0,187
<b>Env.</b>	0,167	0,119	0,176	0,118	0,169	0,180	0,178
<b>Rep.C.F</b>	0,038	-0,252*	0,061	-0,236*	0,290**	-0,101	-0,089
<b>SP</b>	0,473**	0,391**	0,185	0,280**	-0,004	0,336**	0,494**
<b>Ev.Ret</b>	0,405**	0,343**	0,196	0,143	-0,110	0,316**	0,376**

\*\* Correlação moderada ( $p < 0,01$ )

\* Correlação significativa ( $p < 0,05$ )

## 6. DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo era analisar o papel da percepção do conflito interpaparental como mediador na relação das práticas parentais e dos comportamentos externalizantes e internalizantes das crianças do quinto e sexto ano de escolaridade.

A primeira hipótese era a da existência de uma associação positiva entre a diferença nas práticas parentais e as percepções das crianças acerca do conflito interpaparental. Relativamente a esta hipótese, tal aconteceu apenas em duas dimensões da escala utilizada para medir a percepção de conflito interpaparental. Assim, existiu de facto uma associação entre a diferença das práticas parentais da mãe e do pai e as dimensões do Evitamento por Retirada e Evitamento por inibição, estando a primeira associada a diferenças na responsividade dos pais e a segunda associada a diferenças na restritividade dos pais. Para que possa ser melhor compreendida esta relação, o Evitamento por Retirada implica que a criança se afaste fisicamente do conflito. Por outro lado, o Evitamento por Inibição contém itens como fazer pouco barulho e não fazer nada quando os pais discutem. Então, pode supor-se que nos casos

em que o pai e a mãe têm níveis de responsividade muito diferentes um do outro, as crianças optem por se afastarem do conflito. Por outro lado, quando os pais têm níveis de restritividade muito diferentes um do outro, a criança apresenta comportamentos inibitórios durante o conflito.

Assim, a primeira hipótese não está confirmada na totalidade, uma vez que apenas duas das seis escalas obtiveram alguma associação significativa com estas diferenças, mas essa associação existe, pelo que a hipótese pode ser, em parte, verificada. É também de salientar que, quer sejam diferenças na responsividade quer sejam na restritividade dos pais, as crianças reagem ao conflito interparental com evitamento (por retirada e por inibição).

Relativamente à segunda hipótese, esperava-se que existisse uma associação positiva entre as percepções das crianças acerca do conflito interparental e os comportamentos internalizantes e externalizantes das mesmas. Esta hipótese foi verificada, de forma especialmente clara nas dimensões de evitamento por retirada, spillover e de reatividade emocional.

Assim, sentimentos de tristeza, zanga ou medo (reatividade emocional) surgem nas crianças ao testemunhar o conflito interparental, o que tem uma associação moderada nos comportamentos externalizantes e internalizantes que depois exibem. De igual forma, o sentimento de que foram apanhados no meio do conflito e os sentimentos de culpa associados ao conflito (spillover), também têm associações moderadas com os comportamentos externalizantes e internalizantes exibidos pelas crianças. Por último, as crianças que lidam com o conflito interparental afastando-se do problema, também apresentam maiores níveis de comportamentos externalizantes e internalizantes.

Uma vez que o spillover, que está também associado à sensação de culpa sentida pela criança perante o conflito interparental, tem uma correlação moderada com os comportamentos externalizantes e, sobretudo, internalizantes, estes resultados podem ir na

direção das conclusões de Grych & Fincham (1990) de que o conflito leva a comportamentos internalizantes como forma de lidar com o stress resultante da sensação de culpa relativamente ao conflito.

A terceira hipótese prevê que a responsividade e restritividade dos pais estarão associadas (de forma negativa e positiva, respectivamente) aos comportamentos externalizantes e internalizantes das crianças. Verificou-se a correlação entre a restritividade da mãe e os comportamentos externalizantes e internalizantes dos filhos e entre a restritividade do pai e os comportamentos internalizantes dos filhos. No entanto, a segunda parte da hipótese, que previa uma correlação negativa entre a responsividade dos pais e os comportamentos externalizantes e internalizantes dos filhos, não se verificou.

Confirma-se então as conclusões tiradas por Repetti et al. (2002) de que o conflito interparental e as práticas parentais inseguras estão associados a um aumento dos comportamentos externalizantes e internalizantes.

A dimensão da representação construtiva familiar exibiu alguns resultados inesperados sobre os quais vale a pena refletir. Em primeiro lugar, observou-se a associação negativa com a relação com os pares, querendo isso dizer que quanto melhor a representação construtiva familiar, pior era a relação com os pares. Outro resultado curioso relativamente a esta dimensão foi o facto de este estar positivamente relacionado com o evitamento por inibição e com o envolvimento. Por fim, e que poderá ser alvo de maior reflexão, houve uma relação negativa muito significativa com a responsividade do pai. Assim, quanto melhor a representação construtiva familiar, mais baixa a responsividade do pai.

Concluiu-se então que, tal como previa a literatura (Coln et al.,2013), existe uma relação entre as práticas parentais restritivas e algumas das dimensões do conflito interparental, assim como a relação negativa entre práticas positivas e uma das dimensões do

conflito. Para mais, como se previa, também se verificou a relação entre a percepção de conflito e os comportamentos internalizantes e externalizantes.

### 6.1. Limitações do estudo

Apesar de terem sido observados resultados interessantes, que podem complementar a investigação já existente, o estudo oferece algumas limitações. Uma das limitações foi o facto dos questionários terem sido enviados através de envelope fechado para o pai e mãe das crianças, sendo preenchidos sem a presença do investigador. Por este motivo, houve muitos questionários que foram devolvidos com preenchimento incorreto, o que resultou na eliminação de mais de 40 tríades.

Outra limitação foi a extensão dos questionários a ser preenchidos pelas crianças. O facto de ter sido utilizada a versão completa do SIS (Davies et al., 2002), de 43 itens, fez com que o questionário ficasse demasiado extenso para crianças desta faixa etária. Acredito que parte do preenchimento do questionário tenha sido pouco ponderado.

Seria também interessante perceber se os resultados seriam os mesmos fora da zona metropolitana de Lisboa, uma vez que a amostra acabou por se tornar um pouco homogénea, apesar de ter sido recolhida em escolas com diferentes classes sociais e económicas e em bairros bastante distintos.

Também não foi possível analisar relações de causalidade no presente estudo, apenas relações entre as diferentes variáveis. Seria importante perceber a relação de causalidade de forma a entender esta ligação entre as práticas parentais e a percepção de conflito por parte das crianças.

Por fim, os questionários abordam todos temas bastante sensíveis e suscetíveis de muita desejabilidade social. Em primeiro lugar, requerem das crianças alguma capacidade de análise sobre os seus próprios sentimentos durante o conflito dos pais, que é difícil de ser

feita em contexto de sala de aula. Em segundo lugar, obtive a informação por parte de vários diretores de turma de algumas dúvidas que alguns pais tiveram sobre o propósito do preenchimento, apesar de ter sido explicado. Foi expressado que alguns pais estavam com receio de responder por sentirem que estavam a ser avaliados enquanto pais, e que essa mesma avaliação ia ser entregue aos professores dos filhos. Apesar de tal só ter acontecido numa das escolas, é possível que o aspeto da desejabilidade social tenha ocorrido também com outros pais noutros contextos, uma vez que falar sobre a parentalidade que exercem com os filhos é, para grande parte dos pais, um tópico sensível e que pode não ser facilmente abordado através de um questionário. Talvez um método qualitativo pudesse ter ajudado a colmatar algumas destas limitações, apesar de oferecer a limitação temporal.

## **6.2. Implicações para a prática**

O presente estudo permite, quer à prática clínica, quer aos cuidadores, perceber o impacto que as práticas parentais podem ter nos comportamentos das crianças e como a perceção que as crianças têm do conflito interparental pode não só estar relacionada com as práticas exercidas pelos pais, mas influenciar esses mesmos comportamentos. Assim, quando uma criança apresentar sintomas externalizantes, como a agressividade, ou sintomas internalizantes, como a ansiedade, importa perceber como funciona a dinâmica familiar e como ocorre e se resolve o conflito dentro da família, uma vez que tal pode influenciar estes comportamentos.

## **6.3. Propostas para estudos futuros**

Para estudos futuros, considero importante analisar como é que os vários tipos de conflito impactam de formas diferentes os comportamentos externalizantes e internalizantes, uma vez que o presente estudo se focou mais na forma como as crianças lidam com esse

conflito e não tanto o tipo de conflito que está de facto a ocorrer entre os cuidadores. Para mais, seria importante estudos futuros estudarem uma possível causalidade entre as três variáveis, de forma a perceber se são as diferenças nas práticas parentais dos pais que influenciam a perceção que as crianças têm do conflito, ou o oposto. Seria também interessante realizar o estudo noutras áreas do país, fora de Lisboa, e perceber se os resultados seriam os mesmos consoante a zona geográfica.

## 7. Referências Bibliográficas

- Achencach, J., Azar, J., & Chamorro, M. (1987). Emotional and behavioral disorders in children: A longitudinal study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 28(3), 393-401. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1987.tb00220.x>
- American Psychiatric Association. (2014). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- Amato, P. R., & Keith, B. (1991). Parental divorce and the well-being of children: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 110(1), 26-46. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.110.1.26>
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907. <https://doi.org/10.2307/1120405>
- Bickham, D. S., & Fiese, B. H. (1997). Child emotional security and interparental conflict: The role of family processes. *Family Process*, 36(1), 1-14. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1997.00001.x>
- Bittner, J. R., & Garrison, M. M. (2007). Social withdrawal and anxiety in children: A developmental perspective. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(8), 783-790. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01777.x>
- Block, J. H. (1965). The Child Rearing Practices Report (CRPR): A set of Q items for the description of parental socialization attitudes and values. *Institute of Human Development, University of California, Berkeley*.

- Bloom, M., Landeros-Weisenberger, A., Rosario, M. C., & Pittenger, C. (2008). Metacognition and obsessive-compulsive disorder. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 47(8), 869-876. <https://doi.org/10.1097/CHI.0b013e31817f69cb>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. I. Attachment*. Basic Books.
- Buehler, C. (1997). The impact of interparental conflict on adolescents' conflict resolution styles. *Journal of Marriage and Family*, 59(2), 421-432. <https://doi.org/10.2307/353473>
- Christie, D., & Viner, R. (2005). Adolescent development. *BMJ*, 330(7486), 301-304. <https://doi.org/10.1136/bmj.330.7486.301>
- Coln, K. L., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2013). A longitudinal examination of maternal stress and coping strategies: Links to parenting. *Journal of Family Psychology*, 27(4), 463-472. <https://doi.org/10.1037/a0032858>
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2010). *Marital conflict and children: An emotional security perspective*. Guilford Press.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116(3), 387-411. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.116.3.387>
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2002). Measuring interparental conflict: Children's perceptions of interparental conflict and the Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC). *Psychological Assessment*, 14(2), 216-232. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.14.2.216>

- Davies, P. T., Winter, M. A., & Cicchetti, D. (2006). The implications of emotional security theory for understanding and treating childhood psychopathology. *Development and Psychopathology*, 18(3), 707-735. <https://doi.org/10.1017/S0954579406060354>
- Davies, P. T., & Martin, M. J. (2014). *The role of interparental conflict and emotional security in children's emotional and behavioral adjustment*. *Journal of Family Psychology*, 28(6), 942-951. <https://doi.org/10.1037/fam0000002>
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Dix, T. (1991). The socialization of emotion: A developmental perspective. *Developmental Psychology*, 27(1), 101-108. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.27.1.101>
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, H., Roberts, D. F., & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 58(5), 1244-1257. <https://doi.org/10.2307/1130618>
- Emery, R. E. (1982). Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, 92(2), 310-330. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.92.2.310>
- Eiser, C., & Morse, R. (2003). The importance of a good parent-child relationship in the development of children's health-related quality of life. *Health and Quality of Life Outcomes*, 1(1), 1-9. <https://doi.org/10.1186/1477-7525-1-9>
- Fleitlich, B., Cortes, J., & Goodman, R. (2004). Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(3), 12-15.

- Gifford-Smith, M. E., & Brownell, C. A. (2003). Childhood peer relationships: Social acceptance, friendships, and peer networks. *Journal of School Psychology, 41*(3), 233-260. [https://doi.org/10.1016/S0022-4405\(03\)00038-2](https://doi.org/10.1016/S0022-4405(03)00038-2)
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A Research Note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 38*(5), 581-586.
- Goodman, R. (1998). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A pilot study on the validity of the self-report version. *European Child & Adolescent Psychiatry, 7*(3), 125-130.
- Goodman, R. (2004). Psychometric properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 43*(9), 1158-1166. <https://doi.org/10.1097/01.chi.0000128246.72403.1c>
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*(2), 267-290. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.108.2.267>
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1992). Interparental conflict and child development: Theory, research, and applications. *Developmental Psychology, 28*(5), 738-744. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.5.738>
- Hetherington, E. M., Cox, M., & Cox, R. (1982). Effects of divorce on parents and children. In M. Lamb (Ed.), *Nontraditional families: Parenting and child development* (pp. 233-288). Erlbaum.

- Hess, R. D. (2021). The role of parenting styles in child development: A review of research. *Journal of Family Studies*, 29(4), 467-481. <https://doi.org/10.1080/13229400.2021.1910267>
- Huesmann, L. R., & Guerra, N. G. (1997). Children's normative beliefs about aggression and aggressive behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(2), 408-419. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.2.408>
- Jaffari-Bimmel, N., Stolk, R. P., & Haan, A. D. (2006). The relationship between social skills and psychological adjustment in children: A longitudinal study. *Social Development*, 15(4), 630-647. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2006.00344.x>
- Kim, H. K., & Minden, A. (2009). Parenting styles and their relations with children's emotional regulation: The mediating role of attachment. *Journal of Child and Family Studies*, 18(5), 569-577. <https://doi.org/10.1007/s10826-009-9266-0>
- Krueger, R. F. (1999). *The structure of common mental disorders*. *Journal of Abnormal Psychology*, 108(1), 103-118. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.108.1.103>
- Leite, A., & Orem, D. (2010). The role of parents in children's adjustment to stress: A review of research. *Journal of Child and Family Studies*, 19(5), 622-629. <https://doi.org/10.1007/s10826-010-9357-5>
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology* (Vol. 4, pp. 1-101). Wiley.
- McLanahan, S. S., & Sandefur, G. (1994). *Growing up with a single parent: What hurts, what helps*. Harvard University Press.

- Moffitt, T. E. (1990). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674-701. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.100.4.674>
- Nolen-Hoeksema, S. (2001). Gender differences in depression. *Current Directions in Psychological Science*, 10(5), 173-176. <https://doi.org/10.1111/1467-8721.00142>
- Parke, R. D., & Clarke-Stewart, A. (2002). *Family influences on child development*. Houghton Mifflin.
- Parker, J. G., & Gottman, J. M. (1989). Social and emotional development in a relational context: The role of peer relationships. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 30(1), 87-110. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1989.tb00287.x>
- Pomerantz, E. M., & Wang, Q. (2009). The role of parenting in children's academic achievement: A multi-cultural perspective. *Current Directions in Psychological Science*, 18(5), 258-261. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01648.x>
- Quatman, T., & Sutherland, M. (2002). Parenting style and adolescent problem behavior: A review. *Adolescent Psychiatry*, 1(1), 20-32.
- Rapee, R. M. (1997). The development of anxiety disorders in children: An integrative model. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 25(1), 1-10. <https://doi.org/10.1023/A:1025791616804>
- Raver, C. C. (2002). Emotions matter: Making the case for the role of young children's emotional development for early school readiness. *Social Policy Report*, 16(3), 3-19. <https://doi.org/10.1002/j.2379-3988.2002.tb00008.x>

- Repetti, R. L., Taylor, S. E., & Seeman, T. E. (2002). *Peripheral and central nervous system markers of chronic stress*. In C. A. H. Williams (Ed.), *Stress and health: Issues and controversies* (pp. 103-125). Wiley.
- Reynolds, C. R., & Kamphaus, R. W. (1992). *Behavior Assessment System for Children (BASC)*. American Guidance Service.
- Ribeiro, J. F., Silva, T. R., & Gomes, L. M. (2021). *Parental influence and child development: A review of recent research*. *Developmental Review*, 59, 101-115.  
<https://doi.org/10.1016/j.dr.2020.101028>
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55(1), 5-14. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.5>
- Silva, A. G., Pinto, I. S., & Lima, P. J. (2016). *Parenting styles and their impact on children's emotional development*. *Journal of Child Psychology*, 57(2), 123-140.  
<https://doi.org/10.1111/jcpp.12500>
- Singer, D. G., & Singer, J. L. (1990). *The house of make-believe: Children's play and the developing imagination*. Harvard University Press.
- Smetana, J. G. (1995). Parenting styles and concepts of parental authority. *Child Development*, 66(6), 1521-1541. <https://doi.org/10.2307/1130102>
- Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W. A. (2005). *The development of children*. New York: Worth Publishers.
- Susman, E. J., & Dorn, L. D. (2009). *Stress and emotion: The role of parental support*. *Journal of Adolescent Health*, 44(4), 294-300.  
<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2008.11.018>

- Thompson, R. A., & Meyer, S. (2007). The socialization of emotion: Theory and research. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 197-220). Guilford Press.
- Tremblay, R. E. (2000). *The development of aggressive behavior during childhood: What we know and what we need to know*. *Developmental Psychobiology*, 36(6), 105-127.  
[https://doi.org/10.1002/1098-2302\(200012\)36:6<105::AID-DEV2>3.0.CO;2-B](https://doi.org/10.1002/1098-2302(200012)36:6<105::AID-DEV2>3.0.CO;2-B)
- Vandell, D. L., & Corasaniti, M. (1990). Family influences on child development: An overview. *Journal of Family Psychology*, 4(3), 237-241.  
<https://doi.org/10.1037/0893-3200.4.3.237>
- Vaughn, B. E., Bost, K. K., Hill, N. E., Shaw, D. S., & Leeds, J. A. (2000). *The role of the father in children's peer relationships*. *Child Development*, 71(1), 197-216.  
<https://doi.org/10.1111/1467-8624.00129>
- Wallerstein, J. S., & Blakeslee, S. (2003). *Second chances: Men, women, and children a decade after divorce*. HarperCollins.
- Wenar, C., & Kerig, P. K. (2000). *Developmental psychopathology: From infancy through adolescence*. McGraw-Hill.
- Wilson, S. J., & Lipsey, M. W. (2007). School-based interventions for behavior problems: A meta-analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 75(3), 341-359.  
<https://doi.org/10.1037/0022-006X.75.3.341>

## **8. Anexos**

**ANEXO A - Consentimento Informado do Encarregado de Educação**

## CONSENTIMENTO INFORMADO

**Título do estudo:** A percepção de conflito interpaparental como mediador entre o desacordo nas práticas parentais e o surgimento de comportamentos externalizantes e internalizantes em crianças do 5º e 6º ano

**Enquadramento:** Trabalho de Tese de Mestrado em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento no ISPA – Instituto Universitário.

O objetivo do presente estudo é descrever o nível de acordo entre as práticas parentais do pai e da mãe e a percepção que a criança tem do conflito interpaparental, servindo este último de mediador para o aparecimento de comportamentos externalizantes e internalizantes nas crianças do 5º e 6º ano. Assim, será aplicado um questionário referente à percepção de conflito por parte da criança e aos comportamentos externalizantes e internalizantes. O preenchimento dos questionários será feito em contexto de **sala de aula**, em data e hora a definir com o/a diretor/a de turma de forma a perturbar o mínimo possível o normal funcionamento das aulas. Durante o preenchimento dos questionários, a investigadora estará presente na sala para responder a qualquer questão que possa surgir, sem interferir nas respostas.

Mais se informa que os questionários foram validados para a presente população, sendo por isso adequados à idade da criança, tanto a nível da sua linguagem como do seu conteúdo. Os mesmos serão preenchidos de forma **individual**, com a privacidade necessária para que não haja interferência externa.

Após a assinatura por parte do/a encarregado/a de educação do presente documento, os questionários só serão aplicados com o consentimento verbal da criança no momento do preenchimento. Após o preenchimento por parte das crianças, será pedido aos pais que preencham, cada um, um questionário referente às suas práticas parentais.

**A colaboração da criança neste estudo é voluntária e a decisão de não participar, total ou parcialmente, não lhe trará qualquer prejuízo.**

O presente estudo garante a confidencialidade dos dados recolhidos, sendo a informação recolhida e a identificação dos alunos apenas conhecida pela investigadora. O material recolhido será guardado apenas enquanto este for necessário para a elaboração da presente tese de mestrado. A partir do momento que essa necessidade não subsista, a informação recolhida será eliminada.

Agradeço desde já a disponibilidade para contribuir para o crescimento do conhecimento científico, deixando claro que os dados recolhidos serão analisados como um todo, não sendo retiradas conclusões não científicas da informação prestada.

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Com os maiores cumprimentos,  
Laura Gorjão Henriques Figueiredo de Oliveira

Contacto: [laura.gorjao@gmail.com](mailto:laura.gorjao@gmail.com)

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações que me foram fornecidas. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

**Nome do educando:** \_\_\_\_\_

**Assinatura do encarregado de educação:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR 1 PÁGINA

**Anexo B** - Dados Sociodemográficos (a ser preenchido pela criança)



Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_

Sexo: Feminino  Masculino  Outro

Os teus pais estão: Juntos  Separados  Outro  .....Qual? \_\_\_\_\_

Com quem vives? \_\_\_\_\_

(se vives em mais do que uma casa refere em quantas casas vives e com quem em cada uma)

Escola: \_\_\_\_\_

Que ano frequentas? 5º Ano  6º Ano